

O Espiritismo esclarece o que é o Céu

“A mente que se abre a uma nova ideia jamais voltará ao seu tamanho original”. (Albert Einstein)

Lemos o artigo que leva o título de “*O espiritismo nega a existência do Céu*”, correspondente à série Apologética volume 2, editora ICP e publicado no site CACP, correspondente ao link no mesmo site (<http://www.cacp.org.br/o-espiritismo-nega-a-existencia-do-ceu/>). Diante de nosso direito inafiançável de resposta, analisaremos o que é exposto e daremos a nossa contra argumentação.

Percebemos que o autor deste texto, sendo ele constante à série Apologética volume 2, editora ICP, tenta repassar a impressão de que a codificação zomba da ideia de uma morada celeste, levando o leitor, de forma inábil a crer que a ociosidade é o mesmo que a felicidade. O que iremos expor é justamente a verdade sobre a não existência de um lugar ocioso e contemplativo, não nos furtando de mostrar que a felicidade de espíritos mais adiantados consiste em apoiar os que estão num grau evolutivo abaixo do seu, como uma forma de trabalho incessante no bem ao próximo, mesmo após o desencarne. Vejamos a análise:

O espiritismo nega a existência do Céu como lugar de felicidade. A felicidade dos espíritos bem-aventurados não consiste na ociosidade contemplativa, que seria, como temos dito muitas vezes, uma eterna e fastidiosa inutilidade (“O Céu e o Inferno”, p. 722. Editora Opus Ltda., 2ª edição especial, 1985). Em que se deve entender a palavra céu? Achais que seja um lugar, como aglomerados, sem outra preocupação que a de gozar, pela eternidade toda, de uma felicidade passiva? Não; é o espaço universal; são os planetas, as estrelas (“O Livro dos Espíritos”, p. 250. Editora Opus Ltda., 2ª edição especial, 1985).

Resposta Apologética

Os espíritos zombam da ideia do céu como lugar de felicidade eterna. Costumam citar João 14.2: Na casa de meu Pai há muitas moradas; se não fosse assim, eu vo-lo teria dito. Vou preparar-vos lugar. E dizem: A casa de meu Pai é o Universo; as diversas moradas são os mundos que circulam no espaço infinito e oferecem estâncias adequadas ao seu adiantamento (“O Evangelho Segundo o Espiritismo”, p. 556. Editora Opus Ltda., 2ª edição especial, 1985).

O texto citado de João 14.2 conclui da seguinte forma: vou preparar-vos lugar; e no versículo 3 afirma: para que onde eu estiver estejais vós também.

Ora, daí se nota que, primeiro, o céu é um lugar e, segundo, os que pertencem a Jesus estarão no mesmo lugar onde Jesus foi. E sabemos que Ele foi para o céu e sentou-se à direita de Deus (Mc 16.19; Hb 8.1; Ap 3.21). Jesus prometeu

mais que os seus estariam onde Ele estivesse (Jo 17.24). Paulo falou da sua esperança celestial (Fp 3.20-21); o mesmo falou Pedro (1 Pe 1.3).

Fonte: Serie Apologética Vol. 2 – Ed. ICP

Primeiramente o autor da matéria cita a obra “O Céu e o Inferno” e depois a obra “O Livro dos Espíritos”, dando continuidade em sua análise, perpassando a falsa ideia de que a codificação desabona a felicidade, mas antes esclarece que não há é a felicidade passiva, sem o trabalho constante no bem. Esta ideia é entendida somente se não houver a possibilidade de resgate das faltas pelos espíritos renitentes no erro, vindo a sofrerem eternamente os tormentos num lugar propício para o sofrimento eterno. Desta maneira sim, o fundamentalista de uma única vida aloja na mente das pessoas que é possível uma felicidade passiva, sem se preocupar por aqueles que sofrem. Será dentro dessa linha de argumentação que iremos expor nossa resposta, mas antes, porém, citar a fonte arditosamente mutilada para que possamos ver a claridade dos ensinamentos da Codificação. Vejamos:

[...]

12. - A felicidade dos Espíritos bem-aventurados não consiste na ociosidade contemplativa, que seria, como temos dito muitas vezes, uma eterna e fastidiosa inutilidade.

A vida espiritual em todos os seus graus é, ao contrário, uma constante atividade, mas atividade isenta de fadigas.

A suprema felicidade consiste no gozo de todos os esplendores da Criação, que nenhuma linguagem humana jamais poderia descrever que a imaginação mais fecunda não poderia conceber. Consiste também na penetração de todas as coisas, na ausência de sofrimentos físicos e morais, numa satisfação íntima numa serenidade d'alma imperturbável, no amor que envolve todos os seres, por causa da ausência de atrito pelo contato dos maus, e, acima de tudo, na contemplação de Deus e na compreensão dos seus mistérios revelados aos mais dignos. A felicidade também existe nas tarefas cujo encargo nos faz felizes. Os puros Espíritos são os Messias ou mensageiros de Deus pela transmissão e execução das suas vontades. Preenchem as grandes missões, presidem à formação dos mundos e à harmonia geral do Universo, tarefa gloriosa a que se não chega senão pela perfeição. Os da ordem mais elevada são os únicos a possuírem os segredos de Deus, inspirando-se no seu pensamento, de que são diretos representantes.

13. - As atribuições dos Espíritos são proporcionadas ao seu progresso, às luzes que possuem, às suas capacidades, experiência e grau de confiança inspirada ao Senhor soberano.

Nem favores, nem privilégios que não sejam o prêmio ao mérito; tudo é medido e pesado na balança da estrita justiça.

As missões mais importantes são confiadas somente àqueles que Deus julga capazes de cumpri-las e incapazes de desfalecimento ou comprometimento. E enquanto que os mais dignos compõem o supremo conselho, sob as vistas de Deus, a chefes superiores é cometida a direção de turbilhões planetários, e a outros conferidos os de mundos especiais. Vêm, depois, pela ordem de adiantamento e subordinação hierárquica, as atribuições mais restritas dos

prepostos ao progresso dos povos, à proteção das famílias e indivíduos, ao impulso de cada ramo de progresso, às diversas operações da Natureza até aos mais ínfimos pormenores da Criação. Neste vasto e harmônico conjunto há ocupações para todas as capacidades, aptidões e esforços; ocupações aceitas com júbilo, solicitadas com ardor, por serem um meio de adiantamento para os Espíritos que ao progresso aspiram.

14. - Ao lado das grandes missões confiadas aos Espíritos superiores, há outras de importância relativa em todos os graus, concedidas a Espíritos de todas as categorias, podendo afirmar-se que cada encarnado tem a sua, isto é, deveres a preencher a bem dos seus semelhantes, desde o chefe de família, a quem incumbe o progresso dos filhos, até o homem de gênio que lança às sociedades novos germens de progresso. É nessas missões secundárias que se verificam desfalecimentos, prevaricações e renúncias que prejudicam o indivíduo sem afetar o todo.

15. - Todas as inteligências concorrem, pois, para a obra geral, qualquer que seja o grau atingido, e cada uma na medida das suas forças, sejam no estado de encarnação ou no espiritual. Por toda parte a atividade, desde a base ao ápice da escala, instruindo-se, coadjuvando-se em mútuo apoio, dando-se as mãos para alcançarem o zênite.

Assim se estabelece a solidariedade entre o mundo espiritual e o corporal, ou, em outros termos, entre os homens e os Espíritos, entre os Espíritos libertos e os cativos. Assim se perpetuam e consolidam, pela purificação e continuidade de relações, as verdadeiras simpatias e nobres afeições.

Por toda parte, a vida e o movimento: nenhum canto do infinito despovoado, nenhuma região que não seja incessantemente percorrida por legiões inumeráveis de Espíritos radiantes, invisíveis aos sentidos grosseiros dos encarnados, mas cuja vista deslumbra de alegria e admiração às almas libertas da matéria. Por toda parte, enfim, há uma felicidade relativa a todos os progressos, a todos os deveres cumpridos, trazendo cada um consigo os elementos de sua felicidade, decorrente da categoria em que se coloca pelo seu adiantamento.

Das qualidades do indivíduo depende-lhe a felicidade, e não do estado material do meio em que se encontra, podendo a felicidade, portanto, existir em qualquer parte onde haja Espíritos capazes de a gozar. Nenhum lugar lhe é circunscrito e assinalado no Universo.

Onde quer que se encontrem, os Espíritos podem contemplar a majestade divina, porque Deus está em toda parte.

16. - Entretanto, a felicidade não é pessoal: Se a possuíssemos somente em nós mesmos, sem poder reparti-la com outrem, ela seria tristemente egoísta. Também a encontramos na comunhão de ideias que une os seres simpáticos. Os Espíritos felizes, atraindo-se pela similitude de gestos e sentimentos, formam vastos agrupamentos ou famílias homogêneas, no seio das quais cada individualidade irradia as qualidades próprias e satura-se dos eflúvios serenos e benéficos emanados do conjunto.

Os membros deste, ora se dispersam para se darem à sua missão, ora se reúnem em dado ponto do Espaço a fim de se prestarem contas do trabalho realizado, ora se congregam em torno dum Espírito mais elevado para receberem instruções e conselhos.

17. - Posto que os Espíritos estejam por toda parte, os mundos são de preferência os seus centros de atração, em virtude da analogia existente entre eles e os que os habitam. Em torno dos mundos adiantados abundam Espíritos superiores, como em torno dos atrasados pululam Espíritos inferiores. Cada globo tem, de alguma sorte, sua população própria de Espíritos encarnados e desencarnados, alimentada em sua maioria pela encarnação e desencarnação dos mesmos. Esta população é mais estável nos mundos inferiores, pelo apego deles à matéria, e mais flutuante nos superiores.

Destes últimos, porém, verdadeiros focos de luz e felicidade, Espíritos se destacam para mundos inferiores a fim de neles semear os germens do progresso, levar-lhes consolação e esperança, levantar os ânimos abatidos pelas provações da vida. Por vezes também se encarnam para cumprir com mais eficácia a sua missão.

18. - Nessa imensidade ilimitada, onde está o Céu? Em toda parte. Nenhum contorno lhe traça limites. Os mundos adiantados são as últimas estações do seu caminho, que as virtudes franqueiam e os vícios interditam. Ante este quadro grandioso que povoa o Universo, que dá a todas as coisas da Criação um fim e uma razão de ser, quanto é pequena e mesquinha a doutrina que circunscreve a Humanidade a um ponto imperceptível do Espaço, que no-la mostra começando em dado instante para acabar igualmente com o mundo que a contém, não abrangendo mais que um minuto na Eternidade!

Como é triste, fria, glacial essa doutrina quando nos mostra o resto do Universo, durante e depois da Humanidade terrestre, sem vida, nem movimento, qual vastíssimo deserto imerso em profundo silêncio! Como é desesperadora a perspectiva dos eleitos votados à contemplação perpétua, enquanto a maioria das criaturas padece tormentos sem-fim! Como lacera os corações sensíveis a ideia dessa barreira entre mortos e vivos! As almas ditosas, dizem, só pensam na sua felicidade, como as desgraçadas, nas suas dores. Admira que o egoísmo reine sobre a Terra quando no-lo mostram no Céu?

Oh! quão mesquinha se nos afigura essa ideia da grandeza, do poder e da bondade de Deus! Quanto é sublime a ideia que dEle fazemos pelo Espiritismo! Quanto a sua doutrina engrandece as ideias e amplia o pensamento! Mas, quem diz que ela é verdadeira? A Razão primeiro, a Revelação depois, e, finalmente, a sua concordância com os progressos da Ciência. Entre duas doutrinas, das quais uma amesquinha e a outra exalta os atributos de Deus; das quais uma só está em desacordo e a outra em harmonia com o progresso; das quais uma se deixa ficar na retaguarda enquanto a outra caminha, o bom-senso diz de que lado está a verdade. Que, confrontando-as, consulte cada qual a consciência, e uma voz íntima lhe falará por ela. Pois bem, essas aspirações íntimas são a voz de Deus, que não pode enganar os homens. Mas, dir-se-á, por que Deus não lhes revelou de princípio toda a verdade? Pela mesma razão por que senão ensina à infância o que se ensina aos de idade madura.

A revelação limitada foi suficiente a certo período da Humanidade, e Deus a proporciona gradativamente ao progresso e às forças do Espírito.

Os que recebem hoje uma revelação mais completa são os mesmos Espíritos que tiveram dela uma partícula em outros tempos e que de então por diante se engrandeceram em inteligência.

Antes de a Ciência ter revelado aos homens as forças vivas da Natureza, a constituição dos astros, o verdadeiro papel da Terra e sua formação, poderiam eles compreender a imensidade do Espaço e a pluralidade dos mundos? Antes

de a Geologia comprovar a formação da Terra, poderiam os homens tirar-lhe o inferno das entranhas e compreender o sentido alegórico dos seis dias da Criação? Antes de a Astronomia descobrir as leis que regem o Universo, poderiam compreender que não há alto nem baixo no Espaço, que o céu não está acima das nuvens nem limitado pelas estrelas? Poderiam identificar-se com a vida espiritual antes dos progressos da ciência psicológica? conceber depois da morte uma vida feliz ou desgraçada, a não ser em lugar circunscrito e sob uma forma material? Não; compreendendo mais pelos sentidos que pelo pensamento, o Universo era muito vasto para a sua concepção; era preciso restringi-lo ao seu ponto de vista para alargá-lo mais tarde. Uma revelação parcial tinha sua utilidade, e, embora sábia até então, não satisfaria hoje. O absurdo provém dos que pretendem poder governar os homens de pensamento, sem se darem conta do progresso das ideias, quais se fossem crianças. (Vede O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. III.) (KARDEC, A.; O Céu e o Inferno; Capítulo III; O Céu) (grifo nosso)

Como pudemos perceber no primeiro arranjo do item 12 mutilando todo o entendimento dado na obra “O Céu e o Inferno”, transmitindo a falsa ideia de não existência da felicidade nas regiões celestes, mas esclarecendo de que não há é a felicidade na ociosidade, sem um mínimo de trabalho por àqueles que estão num grau evolutivo abaixo. Vamos, porquanto, a citação da obra “O Livro dos Espíritos”, mais precisamente na questão 1016 para averiguarmos a outra citação mutilada. Vejamos:

1016 Em que sentido se deve entender a palavra céu?

– Acreditais que seja um lugar, como os Campos Elíseos¹ dos antigos, onde todos os bons Espíritos estão indistintamente aglomerados com a única preocupação de desfrutar, durante a eternidade, de uma felicidade passiva? Não. É o espaço universal; são os planetas, as estrelas e **todos os mundos superiores onde os Espíritos desfrutam de todas as suas qualidades sem os tormentos da vida material nem as angústias próprias à inferioridade.**

1. **Campos Elíseos:** na Mitologia, lugar onde se encontravam, após a morte, as almas dos heróis e dos justos (N. E.). (KARDEC, A.; O Livro dos Espíritos; Parte IV; Capítulo 2; Penalidades e prazeres futuros) (grifo nosso)

A parte que fizemos o destaque, como na análise anterior, vem somente se verificar que nossa resposta tem dado o esclarecimento necessário de que a resposta apologética sugerida pelo CACP é ineficaz e imprudente ao se mutilar um texto em detrimento de sua própria crença. O que foi perguntado por Kardec e respondido pelos espíritos, é justamente o que estamos afirmando, de que o céu, ou as moradas celestes que abrigam os espíritos superiores são repletos de felicidades, sem os tormentos e angustias humana, mas que sabiamente, ou pretensiosamente o CACP em parceria com o ICP mutilou do texto, como anteriormente. Contudo, vamos adiante a nossa resposta.

Quando se é citado o texto de João 14,2-3 não iremos entrar nesta análise, pois que já o fizemos em nosso texto “[O que são as moradas na casa do Pai?](#)”. Iremos analisar as citações que ainda não fizemos das passagens bíblicas utilizadas como base da apologética do ICP em parceria com o CACP. Vejamos:

Mc 16,19 Ora, o Senhor, depois de lhes ter falado, foi recebido no céu, e assentou-se à direita de Deus.

Hb 8,1 Ora, a suma do que temos dito é que temos um sumo sacerdote tal, que está assentado nos céus à destra do trono da majestade,

Ap 3,21 Ao que vencer lhe concederei que se assente comigo no meu trono; assim como eu venci, e me assentei com meu Pai no seu trono.

1 Pe 1,3 Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo que, segundo a sua grande misericórdia, nos gerou de novo para uma viva esperança, pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos

Todas as figuras de linguagem ao qual remetem as passagens de Marcos, Hebreus, do Apocalipse e 1ª Pedro, reafirmam que Jesus voltou ao Pai, após o seu sacrifício, selando a sua missão na Terra, deixando-nos um novo modelo de conduta que foi a sua vida, registrada nas páginas do Evangelho, dando-nos o caminho a ser percorrido, a fim de atingirmos a perfeição almejado e pelo próprio Mestre ensinada, *Sede vós pois perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus. Mt 5:48*, consubstanciada em João 14,2-3, dando a certeza que o lugar ao qual Jesus foi preparar lugar, para que um dia possamos estar com ele em toda a sua glória, foi justamente os planetas que nos dessem as ferramentas de desfrutarmos de todas as nossas capacidades e perfeição moral a que um dia chegaremos através das vidas que pudermos ainda ter para aperfeiçoamento. Deixamos, porquanto, a Kardec, o desfecho do esclarecimento do que é o Céu em sua obra “O céu e o inferno”. Vejamos:

1. - Em geral, a palavra céu designa o espaço indefinido que circunda a Terra, e mais particularmente a parte que está acima do nosso horizonte. Vem do latim *coelum*, formada do grego *coiios*, côncavo, porque o céu parece uma imensa concavidade.

Os antigos acreditavam na existência de muitos céus superpostos, de matéria sólida e transparente, formando esferas concêntricas e tendo a Terra por centro.

Girando essas esferas em torno da Terra, arrastavam consigo os astros que se achavam em seu circuito.

Essa ideia, provinda da deficiência de conhecimentos astronômicos, foi a de todas as teogonias, que fizeram dos céus, assim escalados, os diversos degraus da bem-aventurança: o último deles era abrigo da suprema felicidade.

Segundo a opinião mais comum, havia sete céus e daí a expressão - estar no sétimo céu - para exprimir perfeita felicidade. Os muçulmanos admitem nove céus, em cada um dos quais se aumenta a felicidade dos crentes.

O astrônomo Ptolomeu (1) contava onze e denominava ao último Empíreo (2) por causa da luz brilhante que nele reina.

É este ainda hoje o nome poético dado ao lugar da glória eterna. A teologia cristã reconhece três céus: o primeiro é o da região do ar e das nuvens; o segundo, o espaço em que giram os astros, e o terceiro, para além deste, é a morada do Altíssimo, a habitação dos que o contemplam face a face. É conforme a esta crença que se diz que S. Paulo foi alçado ao terceiro céu.

(1) Ptolomeu viveu em Alexandria, Egito, no segundo século da era cristã. (2) Do grego, pur ou pyr, fogo.

2. - As diferentes doutrinas relativamente ao paraíso repousam todas no duplo erro de considerar a Terra centro do Universo, e limitada à região dos astros.

É além desse limite imaginário que todas têm colocado a residência afortunada e a morada do Todo-Poderoso.

Singular anomalia que coloca o Autor de todas as coisas, Aquele que as governa a todas, nos confins da criação, em vez de no centro, donde o seu pensamento poderia, irradiante, abranger tudo!

3. - A Ciência, com a lógica inexorável da observação e dos fatos, levou o seu archote às profundezas do Espaço e mostrou a nulidade de todas essas teorias.

A Terra não é mais o eixo do Universo, porém um dos menores astros que rolam na imensidade; o próprio Sol mais não é do que o centro de um turbilhão planetário; as estrelas são outros tantos e inumeráveis sóis, em torno dos quais circulam mundos sem conta, separados por distâncias apenas acessíveis ao pensamento, embora se nos afigure tocarem-se. Neste conjunto grandioso, regido por leis eternas - reveladoras da sabedoria e onipotência do Criador -, a Terra não é mais que um ponto imperceptível e um dos planetas menos favorecidos quanto à habitabilidade. E, assim sendo, é lícito perguntar por que Deus faria da Terra a única sede da vida e nela degredaria as suas criaturas prediletas? Mas, ao contrário, tudo anuncia a vida por toda parte e a Humanidade é infinita como o Universo.

Revelando-nos a Ciência mundos semelhantes ao nosso, Deus não podia tê-los criado sem intuito, antes deve tê-los povoado de seres capazes de os governar.

4. - As ideias do homem estão na razão do que ele sabe; como todas as descobertas importantes, a da constituição dos mundos deveria imprimir-lhes outro curso; sob a influência desses conhecimentos novos, as crenças se modificaram; o Céu foi deslocado e a região estelar, sendo ilimitada, não mais lhe pode servir. Onde está ele, pois? E ante esta questão emudecem todas as religiões.

O Espiritismo vem resolvê-las demonstrando o verdadeiro destino do homem. Tomando-se por base a natureza deste último e os atributos divinos, chega-se a uma conclusão; isto quer dizer que partindo do conhecido atinge-se o desconhecido por uma dedução lógica, sem falar das observações diretas que o Espiritismo faculta.

[...] (KARDEC, A.; O Céu e o Inferno; Capítulo III; O Céu)

Mediante o nosso esclarecimento mediante a mutilação dos textos da codificação, mais precisamente nas obras “O Céu e o Inferno” e “O Livro dos Espíritos”, percebemos que a série Apologética volume 2, editora ICP e publicado no site CACP tentou, de uma forma induzir os leitores a crerem que a codificação zomba da ideia do céu, antes porém, percebemos que o jogo de palavras não obteve sucesso, pois a codificação citada sem cortes nos explana a existência das moradas celestes, mas que sem a felicidade baseada numa ociosidade ou passividade, mas

uma felicidade com muito trabalho à levar às criaturas num grau evolutivo abaixo do seu o progresso e o consolo que o Eterno proporciona através de seus emissários.

Igualmente, percebemos que as citações de Mc 16,19; Hb 8,1; Ap 3,21; 1 Pe 1,3 retratam o regresso do excelso mestre ao seio do Pai, consubstanciado em Jo 14,2-3 são complementares à questão dos planetas habitados que se encontram acima do estágio evolutivo do que a Terra está. Dessa forma, Jesus havia dito que iria “preparar lugar”, a fim de que “estivessem com ele”, pois somente a passagem por mundos mais adiantados que se é possível angariar a superioridade celeste das virtudes e do amor ao próximo, uma vez que foram vencidas as expiações e provas que o orbe terrestre oferece como aperfeiçoamento intelectual e moral, chegando porquanto à perfeição de nossas faculdades, consubstanciado em Mt 5,48.

Thiago Toscano Ferrari
Setembro / 2013

Referências bibliográficas:

Bíblia Católica, versão digital (<http://www.bibliaonline.com.br/>)
KARDEC, A. *O Céu e o Inferno*, São Paulo, SP: PETIT, 2004.
KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*, São Paulo, SP: PETIT, 2004.